

5

O exercício do ofício de professor

Há homens que lutam um dia, e são bons;
Há outros que lutam um ano, e são melhores;
Há aqueles que lutam muitos anos, e são muito bons;
Porém há os que lutam toda a vida
Estes são os imprescindíveis

(Bertold Brecht)

5.1

A afetividade como componente do trabalho docente

O principal objetivo da educação para pessoas privadas de liberdade é poder reintegrá-los à sociedade. Entende-se que para isso é preciso que esses indivíduos percebam-se sujeitos de sua história, compreendam a importância de certos valores para o convívio social, estejam preparados para serem incluídos no mercado de trabalho e possam assumir o rumo de suas vidas com dignidade, deixando para trás as marcas de um período de sua história. Tendo a consciência de que sua existência vai muito além daquele fato pontual que o excluiu, que o levou a ficar afastado, durante um tempo, da sociedade.

A educação carcerária torna-se um instrumento imprescindível na busca desse objetivo. Reconhecendo a importância de sua tarefa frente ao processo de ressocialização das pessoas privadas de liberdade, muitos professores trazem para si a responsabilidade sobre o futuro dessas pessoas. Muitos entendem a função de professor naquele espaço como uma peça chave para o resgate daqueles indivíduos. Convém evidenciar que na atividade docente, construída por meio de interações entre seres humanos, o elemento emocional, afetivo ocupa necessariamente um lugar de destaque.

Os professores entrevistados parecem despojar-se de preconceitos e outros possíveis sentimentos, como revolta por alguns atos cometidos por essas pessoas, a fim de propiciar-lhes uma oportunidade de encontro com outra realidade, menos dura e capaz de ser vivida sem gerar dor ou sofrimento.

“Para a gente fazer um trabalho numa instituição como essa tem que ter um sentimento muito bom no coração, se não, não vai não. É um sentimento de carinho, de amor, de respeito. É botar Deus no coração e encarar.”

(Professor Valdevino, Matemática)

Segundo Tardif (2005), “a relação de inúmeros professores com os alunos e com a profissão é, antes de tudo, uma relação afetiva. (...) Alguns professores gostam dos problemas, escolheram uma carreira com as crianças que têm problemas, fizeram opção por uma clientela com graves dificuldades de aprendizagem. É isto que lhes interessava. Outros, simplesmente, gostam das crianças e da atmosfera da escola.”

“Eu gosto muito de trabalhar aqui. Aliás essa idéia partiu de mim. Eu sempre quis trabalhar numa escola prisional. Eu sempre quis saber como funciona a coisa, como é a cabeça desses alunos, porque eles querem estudar”.

(Professora Iracema, História)

“Eu já queria trabalhar aqui. Eu já tinha isso na minha cabeça que seria um modo de ajudar melhor a sociedade, fazendo o que eu gosto, que é o magistério, numa área tão problemática que ninguém quer”.

(Professora Márcia, Sociologia)

Percebemos durante as observações e entrevistas que o professor parece ter um maior comprometimento com o grupo por acreditar na educação como ferramenta de transformação, capaz de oportunizar a qualquer pessoa uma visão de futuro, uma chance de enfrentamento da realidade. Os docentes das escolas prisionais demonstram acreditar no ser humano e em seu poder de recuperação, tornam-se, então, aquele que conduzirá o outro a um porto mais seguro do que ele se encontra atualmente. Estão imbuídos da missão de tornar a vida daquelas pessoas melhor do que foi e do que é. Pela convivência no ambiente da prisão e por reconhecer nele um lugar com pouca estrutura para levar alguém a mudar de vida, onde as condições oferecidas, degradantes e hostis, pelo sistema, apresenta-os apenas a possibilidade de sobreviver, sem perspectivas de conquistas, faz com que esses profissionais invistam tudo que podem na tentativa de buscar concretizar o objetivo da educação carcerária.

O objetivo aqui é ressocializar. Ajudar a mudar de vida, a virar a página; fazer uma página nova(...) o professor que vem pra cá tem que ver o ser humano, independente do que ele fez, porque se você entrar aqui com uma visão de

apenado, você não dá aula. Porque você vai ficar sempre também se questionando como é duro ver as coisas que eles fizeram e fizeram outras pessoas sofrerem. Então se você, professor, misturar isso, você não consegue trabalhar não. Eu acho que o professor aqui tem que ser uma pessoa desprendida, tem que entrar vendo seres humanos.

(Professora Márcia, Sociologia)

Notamos o afeto como uma das principais características do profissional que trabalha com os sujeitos privados de liberdade.

Eu acho que tem que se ter muito amor pra exercer determinadas atividades. E na escola prisional esse amor, ele tem que ser fundamental. Respeito, carinho, passar por cima dos preconceitos que a sociedade tem. Então quando você vem pra cá, você vem mais com o coração do que com os conhecimentos de sua disciplina

(Professor Valdevino, Matemática)

A relação afetiva apresenta-se como fator determinante no processo de aprendizagem entre professor e aluno, pois a docência não pode ser comparada como um trabalho mecânico, tal qual uma linha de montagem. Caso essa relação não se estabeleça podem aparecer lacunas que atrapalham o processo.

Segundo Codo (2002, p.52) o homem ao se relacionar com o mundo imprime-lhe marcas físicas e psíquicas, dando significação às coisas. O trabalho humano apresenta essa troca entre a objetividade do mundo real, que concretiza o ato para o indivíduo, e a subjetividade do homem, atribuindo significado ao mundo real quando capaz de modificá-lo por meio de suas ações.

Ainda segundo o autor, aqueles profissionais que atuam no sentido de transformar o ambiente escolar em um lugar mais humanizado, considerando as dificuldades e necessidades dos alunos, dão vazão à afetividade de uma maneira mais saudável do ponto de vista de sua economia psíquica. Observamos, então, nesse desprendimento afetivo, que marca a atuação dos professores na escola prisional, um fator positivo que tende a diminuir a sua carga psíquica, ainda mais quando o retorno é garantido, ou seja, notamos por parte dos alunos privados de liberdade uma maior valorização dos profissionais de ensino que lá atuam. De acordo com Codo (2002, p.85) o sofrimento no trabalho, devido ao desgaste psíquico do trabalhador e pelo alto investimento pessoal, pode ser metamorfoseado em prazer pelo reconhecimento de seu esforço, pela valorização de sua entrega subjetiva do sujeito. A negação desse

sofrimento, ocasionado no trabalho desenvolvido nas escolas prisionais, parece uma constante na fala dos professores, pois os mesmos dizem valer a pena trabalhar naquele espaço pelo fato de os internos os valorizarem, os respeitarem, diferentemente do que vivem em suas realidades extra-muros.

Ao analisarmos as situações de trabalho dos professores entendemos que quanto maior a defasagem entre o trabalho prescrito, o trabalho como deve ser, e a realidade do trabalho nas escolas, maior será o investimento afetivo e cognitivo exigido ao professor, maior será seu esforço, podendo assim, ocasionar uma sobrecarga de trabalho ou o sofrimento no trabalho. Nenhum dos profissionais entrevistados ou observados demonstrou sofrimento em seu trabalho e a possível sobrecarga relatada referia-se a dupla ou a tripla jornada de trabalho que precisam realizar a fim de conseguir um maior rendimento, mas sempre acentuavam ser ali o melhor espaço de trabalho entre os outros que frequentam. Logo, a afetividade torna-se uma ferramenta importante na busca para amenizar as imprevisibilidades do meio durante a atividade docente.

“Aqui tem uma vantagem: os alunos do sistema (prisional) são mais tranquilos, facilidade essa que muitas vezes não há lá fora. Eles aqui são mais solícitos, respeitam muito mais. Acho até estranho falar isso, mas é verdade.”

(Professora Rosane, História)

A educação oferecida por esses profissionais configura-se, acreditam eles, em uma das únicas possibilidades de transformação de vida para essas pessoas privadas de liberdade. Mesmo sem as condições necessárias para o bom desempenho da profissão, parecem superar tudo em busca do cumprimento de sua missão. Sabem do descaso da justiça, da ineficiência do sistema prisional e dos preconceitos da sociedade, logo tomam para si o desafio de, não somente formar cidadãos melhores, ou desenvolver habilidades que os façam estar prontos para o mercado de trabalho, fazer com que eles se sintam mais felizes, valorizados, capazes de produzir e parte integrante da sociedade da qual estão temporariamente afastados.

De acordo com inúmeros autores, é fato esta função deformadora da própria instituição prisão que estende sua influência perversa e seus efeitos sobre todos aqueles que convivem em seu espaço, incluindo-se aí o próprio corpo funcional, do qual os docentes fazem parte, mesmo que não subordinados diretamente à instituição prisão, o desenvolvimento de suas atividades ocorre naquele local.

Quando perguntados sobre o papel do professor frente aos objetivos da educação carcerária, eles nos mostram a preocupação com o ser humano, com a postura necessária a um profissional que se predispõe a trabalhar com pessoas privadas de liberdade.

Eu acho que tem uma coisa que é geral para todos: tem que amar a profissão e amar o ser humano.(...) não tem como explicar muito bem. O trabalho aqui é uma coisa tão bonita, tão necessária, tão grandiosa. Pena que não é dado muito valor por aqueles que não participam desse processo de resgate do outro.

(Professora Márcia, Sociologia)

Os entrevistados nos falam da importância de querer trabalhar naquele espaço com tantas marcas. É preciso, para que a busca pela concretização dos objetivos da educação no cárcere se efetive, não só a competência técnica desses profissionais, mas também um grande amor pela profissão, pelo outro, uma necessidade de querer estar ali desempenhando diversos papéis, enfrentando inúmeras exigências durante o cotidiano de suas práticas. Desafios esses para os quais, na maioria das vezes, não estão preparados ou tem como aliado o fator surpresa.

Eu tenho a impressão de que sou mais útil aqui do que trabalhando lá fora. É uma impressão minha, porque todo mundo tem medo de trabalhar aqui e eu tenho o desejo de ficar. Eu vim pra cá porque eu quis, enquanto outras pessoas vêm por falta de opção e depois desistem. Porque eu já vi gente desistindo e que precisava trabalhar, mas desistiu porque era aqui. Como uma vez, uma menina veio para cá, estava começando, mas ela chorava tanto que a gente não sabia mais o que fazer pra ela se aclamar e se apresentar para os alunos. Até que ela desistiu. Eu não, eu já queria trabalhar aqui. Eu já tinha isso na minha cabeça que seria um modo de ajudar mais a sociedade. Fazendo o que eu gosto, o magistério, em uma área tão problemática que ninguém quer.

(Professora Márcia, Sociologia)

Perceber os limites dos alunos, o comprometimento emocional deles e a necessidade do professor, antes de planejar suas aulas, voltadas para os componentes curriculares, ter em mente a inconstância emocional do próprio ambiente e das pessoas que lá circulam, como fator preponderante para o sucesso ou insucesso de seu trabalho, de suas ações durante o desenvolvimento de suas atividades, é uma parte importante do trabalho docente, marcado pela natureza interpessoal das relações.

“Acho que o professor, para trabalhar aqui, tem que ser uma pessoa equilibrada emocionalmente; tem que ser uma pessoa que esteja bem consigo mesma, porque ela recebe pessoas que não estão bem, que estão instáveis emocionalmente.”

(Professora Simone, Língua Portuguesa)

Sabemos que os relacionamentos professor/ aluno podem apresentar-se ora enriquecedores ora difíceis. De acordo com Tardif (2005), os professores investem muito de si, emocionalmente falando, no desempenho de suas funções cotidianas. A docência é um trabalho emocional, “consumidor” de uma energia afetiva.

O trabalho docente, por sua carga afetiva, estabelece maiores vínculos afetivos sobre a pessoa do aluno, sobre o que eles são, mais que sobre o que podem aprender (Tardif, 2005). Além disso, múltiplos fatores não afetivos estão envolvidos no estabelecimento das relações afetivas com os alunos, tais como: a pobreza, a dificuldade dos grupos, a idade dos alunos. Estudos como Hargreaves (1994), Codo (2002) e Tardif (2005) apontam a importância da ética do *care* (cuidado, ajuda) no ensino.

O reconhecimento dos limites da profissão no cárcere não são, no entanto, assimilados sem angústia pelos inúmeros papéis e responsabilidades e funções que o professor tem que assumir, muitas vezes afastando-se do seu verdadeiro papel na estrutura educacional carcerária. Pela ineficiência do sistema prisional, a escola acaba ficando sobrecarregada em oferecer aos alunos, além do suporte educacional, outros serviços que caberiam à instituição prisão, tais como: assistência social e psicológica. Os professores ajustam, muitas vezes, suas atividades aos alunos, visando ao bem-estar deles, em detrimento de seu planejamento ou de um projeto maior da escola.

Eu fico muito dividida, apesar de saber das características específicas dessa clientela, de saber que o trabalho é diferenciado, mas eu fico um pouco angustiada quando a gente não consegue dar continuidade a um trabalho. Ainda mais na minha disciplina tendo a responsabilidade que tem, Língua Portuguesa, sabendo das dificuldades que o aluno tem em relação à escrita e à leitura. Então eu fico muito angustiada. Eu sei que enquanto profissional eu estou dando pra esse grupo aquilo que eles vêm buscar: essa atenção, esse espaço para estarem conversando, colocando para fora seus medos, seus problemas. Mas por outro lado, eu me cobro de um trabalho um pouco mais dentro do programa. Porque o que eu dou é o mínimo, porque se eu tenho que dar espaço para ele falar, é mínimo o espaço que a gente tem pra trabalhar com a língua.

(Professora Simone, Língua Portuguesa)

O professor em uma escola prisional, por reconhecer que seu trabalho é diferenciado, por reconhecer as especificidades do grupo de alunos, acaba por trazer para seu dia-a-dia uma educação que valoriza a pessoa do educando. Tem-se presente que a relação dos professores com os alunos é complexa, comporta dilemas e tensões diárias importantes, suscitando nos profissionais sentimentos diversos e que não podem ser determinados pelas prescrições da atividade. O trabalho docente não pode ser reduzido ao estrito cumprimento de instruções, quando seu fazer cotidiano é permeado de interações, marcado por fatores que, muitas fogem, ao planejado e exigem de seus profissionais o estabelecimento de vínculos afetivos, a fim de lidar com as situações imprevisíveis referentes tanto ao contexto da organização escolar, quanto à realidade dos alunos.

É, entretanto, preciso estar atento para que esse olhar não beire o assistencialismo deixando de lado aspectos importantes do ensino aprendizagem. Cabe ao profissional de ensino dosar suas ações, não se deixar levar pelo calor da emoção e propor aos seus alunos uma educação que lhes dê força no enfrentamento das situações difíceis pelas quais passam diariamente. Criar-lhes a consciência de acreditar em si mesmos e despertar, durante o processo educativo, habilidades e competências que os façam capazes de transformar o que parece estabelecido, é de suma importância para esse professor. Em entrevista para a pesquisa, Julião nos diz que:

Alguns professores vêm pra essa escola, chamada diferenciada, com uma idéia assistencialista. Acho que o objetivo não é esse. 'Eu vou pra fazer um trabalho que vai me dar uma satisfação pessoal'. Sabemos que a escola na prisão é, para o interno, uma ilha, e nesta ilha ele (o interno) tem direito, ele fala, ele pede, ele às vezes tem até o que a unidade não lhe oferece. E não é esse o objetivo da escola. O objetivo da escola é bem pontual na idéia de formação. Então os professores devem atuar como professores, eles não são assistentes sociais, não são psicólogos, são professores e como professor devem estar atuando. O professor tem que entender o papel dele ali dentro. Não é ser um professor conteudista, mas que compreenda que a atuação dele vai estar dentro de uma proposta de tratamento penitenciário e não assistencialista.

5.2 Condições de trabalho

Podemos afirmar que as condições do exercício da atividade docente na prisão são diretamente influenciadas pelo clima da cadeia, pelas normas que regem o dia-a-dia no cárcere e por serem os objetivos da educação variados e complexos, requerem do profissional um nível maior de autonomia, responsabilidade, envolvimento pessoal, formação constante a fim de oferecer-lhes subsídios para o enfrentamento diário das situações de trabalho. É preciso que os professores interpretem, ressignifiquem e adaptem constantemente tais objetivos aos contextos movediços da prática pedagógica.

É importante deixar claro que a pesquisa não pretende apenas descrever as condições da educação carcerária. A análise intenciona demonstrar, assim como os estudos ergonômicos e ergológicos, como os trabalhadores lidam com essas condições, como as transformam em recursos em função de suas necessidades de trabalho e como reagem perante as imprevisibilidades do meio, com resistência ou não, com sofrimento ou não.

A escola Henfil, como já relatado antes, não possui prédio próprio pertencente à secretaria de educação estadual. Ela funciona em um galpão cedido pela Fundação Santa Cabrini e, por não ter sido projetado para o funcionamento de uma escola, os espaços para sala de aula, sala de professores, secretaria, entre outros são improvisados.

Durante as observações de campo notamos que o barulho é uma constante no dia-a-dia da sala de aula. Mesmo que o professor não aponte como fator perturbador ou que possa interferir em sua prática, percebemos que para a melhoria do processo ensino aprendizagem torna-se necessário um ambiente onde o burburinho e falatório não sejam tão intensos. A impressão é a de que o profissional sente-se tão confortável e adaptado àquela realidade que não percebe a importância de determinados aspectos, como iluminação, ventilação e o próprio silêncio, como fatores importantes para o seu melhor desempenho frente ao grupo. Por entender como boas condições de trabalho, para o desempenho da atividade docente, a disciplina do aluno e o número de alunos em sala, muitas vezes, percebemos que esse profissional não se dá conta do espaço inadequado para o exercício da docência. As salas não são fechadas até o teto, são separadas por divisórias que permitem ouvir tudo que acontece pelos corredores da escola e nas outras salas. Muitas vezes uma única lâmpada tenta iluminar toda a sala de aula. Os quadros

são, em sua maioria, pequenos. As salas não têm porta ou janelas. Há, em algumas salas, ventiladores de teto; um apenas para todo o espaço.

As condições não são tão precárias, em vista de outras escolas das unidades prisionais, a nossa é maravilhosa. É sempre elogiada quando vem alguma visita de fora. Está sempre arrumadinha. Falta alguma coisa ou outra, mas nada que interfira no aprendizado deles. Principalmente em relação às escolas lá de fora, aqui está muito bom.

(Professora Soraia, Língua Portuguesa)

Todas essas condições físicas do espaço são encaradas pelos docentes como normais após o período de choque da realidade pelo qual passa ao iniciar seu trabalho em uma escola na cadeia. Como as condições de trabalho, muitas vezes, em escola extra-muros, também não são as melhores, a ênfase do bem estar no trabalho em uma escola acaba recaindo na disciplina favorável do aluno apenado e no número menor de alunos por sala. Notamos, então, que a satisfação gerada pelo exercício da atividade docente no cárcere se dá por conta da insatisfação com as condições de trabalho nas escolas extra-muros, onde enfrentam, além de problemas com instalações físicas adversas; problemas como o enfrentamento com os alunos e um grande quantitativo de alunos por turma, tornando o trabalho mais penoso.

“Aqui ainda é um lugar que consigo trabalhar. Se não fosse o trabalho aqui já teria ‘surtado’.”

(Professora Verônica, Geografia)

A professora Verônica reclama principalmente da escola do município que trabalha por conta da questão do ciclo. Enfatiza o desgaste que tem sido a implementação desse sistema.

No diário de campo utilizado durante a pesquisa registrei alguns momentos em que a aula é constantemente interrompida por assuntos diversos.

A sala de aula do Ensino Médio fica ao lado da cozinha podemos durante a aula ouvir os faxinas cozinhando e conversando. (...) como a sala não tem porta constantemente passam pessoas (alunos, faxinas, outros professores) e interrompem a aula para cumprimentar o professor que está em sala ou comentar algo com algum aluno da turma. Alguns passam e param na porta para observar um pouco da aula, despertando a atenção do grupo. Um

agente entra e entrega um papel a um aluno, despertando, mais uma vez, a atenção do grupo, pois todos ficam curiosos e querem saber do que se trata.¹ (19/06/2007)

Diante desses imprevistos ocasionados pelas condições em que o trabalho docente é desenvolvido, o professor precisa, constantemente, estar reformulando suas atividades, investindo em ações que resgatem a atenção do grupo, para então dar prosseguimento a sua aula. Alguns professores parecem ter um maior domínio das situações inusitadas, imprevisíveis, pois, como observamos, retornam as atividades escolares, propriamente ditas, após qualquer interferência, com mais rapidez. Um exemplo disso foi quando, durante uma aula de matemática, os alunos começaram a comentar sobre o tempo de cadeia que já haviam cumprido e o quanto faltava ainda cumprir. Alguns tinham dúvidas de como se faziam os cálculos para saber o tempo restante ou o tempo certo de pedir benefícios, como o regime semi-aberto. A fim de terminar com o assunto paralelo ao conteúdo que estava sendo explorado na aula, mas importante para a realidade daquelas pessoas, o professor, reformula suas atividades e começa a trabalhar com eles, ensinando-os a fazer os cálculos de maneira correta para que pudessem saber sobre sua real situação a respeito de tempo de permanência na cadeia.

Aqui no presídio é um trabalho um tanto quanto atípico, a gente se adapta de acordo com o momento. Regra geral, conteudismo não é funcional, porque muitas das vezes eles não estão prontos ou não é a necessidade deles naquele momento. Diante de vários problemas que eles consideram que têm, enfim. Eles estão presos, estão cheios de problemas, saudades de família e eles não têm cabeça pro conteudismo, eventualmente eles perguntam algo que seja do interesse deles. Ontem por exemplo, eu passei uma hora e meia fazendo cálculo de quanto tempo eles permaneceriam na prisão. Eles estavam falando sobre isso na aula, eu tinha um trabalho a realizar, então... Eles me cobraram demais. 'Professor, nos ensina pra gente ver quanto tempo a gente vai ficar aqui', e a gente ficou a aula toda treinando e eu chamava cada um ao quadro pra calcular a sua própria pena, a partir da minha orientação e assim a gente desenvolveu o tema do dia.

(Professor Valdevino, Matemática)

Lembre-mos Paulo Freire quando este ressalta o quanto pode representar um determinado gesto do professor na vida de um aluno e da necessidade de refletirmos

¹ O papel foi entregue ao aluno "Robson". Ele estava sendo convocado a prestar esclarecimentos sobre seu nome, pois seu registro ali, naquela cadeia, era com o nome de Robson, porém, ao levantarem sua ficha de outra cadeia descobriram que seu nome verdadeiro era William, fato que ele confirmou perante a turma. Ele estava sendo chamado para mudar essa situação. Na planilha da escola constava seu nome falso: Robson, como era conhecido por todos.

seriamente sobre isso, já que na maioria das escolas fala-se muito da importância do ensino dos conteúdos e não há uma ampla compreensão do que é ensinar, "...ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 2003, p. 47), e que o conhecimento precisa ser vivido e testemunhado pelo agente pedagógico. Não há uma noção clara sobre o ato de educar, principalmente no que se refere à educação de jovens e adultos, ainda mais quando esse jovem ou adulto é um detento: "Ensinar exige respeito aos saberes do educando" (FREIRE, 2003, p.30) e aos seus interesses e realidade também. A construção de um saber junto ao educando depende da relevância que o educador dá ao contexto social, à tradição da comunidade à qual ele trabalha para conseguir aproximar os conteúdos da realidade vivida, compondo um diálogo aberto com o aluno, que mostra a "razão de ser" do conhecimento.

As condições de atuação, segundo nossos entrevistados, algumas vezes, pode interferir na saúde física ou psicológica do professor, pois este se vê envolvido em situações que vão além de seus conhecimentos acadêmicos, de suas experiências e práticas anteriores, os quais sempre pensaram serem suficientes para o exercício da função.

Acho que o professor que trabalha em presídio deveria ter um acompanhamento com um profissional da psicologia, pois têm muitos que são emotivos e isso abala. Querendo ou não, às vezes, aqui você vê coisas, ouve coisas...eu já fiquei trancada aqui durante horas, pois houve um problema de um preso com um agente.

(Professora Soraia, Língua Portuguesa)

Além do número de alunos em sala ser considerado fator determinante para pensarmos a carga de trabalho do professor, Tardif (2005) refere-se também ao tempo dedicado ao ensino com o aluno. Em sua pesquisa, o autor nos diz que

O ensino é um trabalho burocratizado cuja execução é regulamentada, mas que também repousa sobre a iniciativa dos atores e que requer de sua parte uma certa autonomia. Nesse sentido, esse trabalho é definido por regras administrativas, mas depende igualmente, ou mais ainda, da atividade responsável e autônoma dos professores e de seu envolvimento com a profissão.

Na escola prisional, porém, esse é um outro ponto que se apresenta favorável ao docente. O tempo de atividade na escola e em sala de aula é menor do que nas escolas extra-muros. No turno da manhã, por exemplo, momento em que se deu a pesquisa, os

professores chegam em torno das oito horas, mas muitas vezes só iniciam as atividades em sala com os alunos, a partir das oito e trinta ou nove horas. Esse fato se dá por conta da demora dos agentes² em liberar os alunos para a escola, pois precisam fazer o “confere” dos presos. Logo, mesmo que não seja culpa ou responsabilidade dos professores ou da direção, essa “demora” acaba por diminuir o tempo de serviço do profissional de ensino junto ao aluno, contribuindo assim para que ele tenha uma menor carga de trabalho, fato que contribui para sua saúde e satisfação.

O problema mais comum é principalmente, aqui na escola não, é com a unidade prisional. É o horário de saída deles pra escola, porque a gente infelizmente depende. Nós somos inquilinos dentro de uma casa. Então a gente depende dos guardas para abrir e os horários nunca batem, sabe, como a gente deveria, como agente queria. São leis, são regulamentos que a gente tem que acatar.

(Diretora Tânia)

O limite dos recursos materiais apresenta-se como outro empecilho relacionado às condições de atuação docente no cotidiano das escolas prisionais. Embora a escola conte com uma sala de leitura e uma sala de informática com 10 computadores, televisão e vídeo, muitas vezes, a existência desse material diversificado e moderno não é suficiente para o atendimento das necessidades de alunos e professores. Não havia, durante o período de nossas atividades no campo, nenhum profissional especializado destinado ao acompanhamento da sala de leitura. Os alunos escolhem aleatoriamente os livros a serem lidos e não foi observado, durante o tempo da pesquisa, nenhum tipo de trabalho de reflexão ou discussão sobre as mesmas. Os professores incentivam, mas não desenvolvem um trabalho específico referente à leitura realizada pelo aluno. A sala de informática também não conta sequer com um monitor preparado para desenvolver atividades com os computadores. Há alguns detentos com conhecimentos trazidos de períodos anteriores ao cárcere e que acabam por assumir as atividades da sala de informática, tudo de uma maneira precária.

Os professores reconhecem que o impedimento na utilização de determinados materiais contribui para a não realização de algumas tarefas previamente planejadas. No entanto, a maioria encara o entrave na utilização de recursos materiais como algo passível de ser entendido, pois se trata antes de tudo de uma prisão onde as normas e as regras de segurança precisam ser respeitadas e colocadas em primeiro lugar. Esses

² Às vezes, além da demora pelo confere, os guardas deliberadamente demoram a liberá-los, pois muitos não vêm com bons olhos uma escola dentro da prisão. Como eles dizem: “vagabundo, bandido não precisa estudar”. Essa questão, do horário, depende, então, do grupo de agentes que está de serviço no dia.

profissionais, por conta dessas limitações, trazem sempre uma segunda opção de atividade, já planejam suas ações “prevendo algum possível imprevisível”. Como eles mesmos dizem, “é sempre preciso ter o plano B”. É preciso, porém, lembrar que a educação carcerária é fator legal, logo todos os recursos necessários ao cumprimento dos objetivos de ressocialização devem ser respeitados, garantidos, oferecendo aos sujeitos privados de liberdade e professores condições no desenvolvimento satisfatório das atividades escolares.

Bem, quando nos é permitido entrar com algum material, a gente, pelo menos na minha disciplina, pode lançar mão de vários recursos: jornais, revistas, músicas, filmes...agora, quando não é permitido, a gente tem que lançar mão do material tradicional, cuspe e giz.

(Professora Simone, Língua Portuguesa)

Os professores investem diversos saberes, competências e muito de si para driblar as imprevisibilidades do meio no que se refere ao uso de recursos materiais, mas também para amenizar situações diferenciadas que acontecem no espaço da prisão e interferem diretamente na prática pedagógica e nas atividades planejadas a serem realizadas. Uma das maiores dificuldades postas pelos professores está relacionada ao comparecimento do grupo de alunos às aulas. Mesmo sendo o número de alunos matriculados na instituição satisfatório, não podemos dizer o mesmo da frequência dos alunos. Se hoje o professor conta com um determinado número de alunos, amanhã esse grupo pode ser completamente diferente, dificultando a continuidade do trabalho docente. Torna-se, então, necessário ou empreender novas estratégias fora o planejado ou sempre estar pronto para repetir os apontamentos da aula anterior. Os fatores que contribuem para esse, digamos, rodízio de alunos diariamente, são diversos, tais como: horário de visita concomitante com o horário das atividades escolares; alguns, quando de castigo, não podem comparecer a aula; desânimo por parte do aluno; problemas internos com os agentes que dificultam, às vezes, a liberação de alguns grupos para as atividades da escola; entre outros.

“E aí como existe a rotatividade, o grupo que ta hoje, de repente não é o grupo que ta amanhã, de repente o camarada ganha liberdade, você não consegue concluir o trabalho e isso me angustia um pouco.”

(Professora Simone, Língua Portuguesa)

Eventualmente você tem uma turma cheia e no dia seguinte você pode ter uma turma vazia. Existe aquela coisa da frequência realmente. E você muitas das vezes programa determinada atividade e você chega em sala de aula e não consegue desenvolver a atividade.

(Professor Valdevino, Matemática)

O professor que trabalha em uma escola prisional precisa sempre lançar mão de um conjunto de conhecimentos, saberes, competências que o permita manter-se firme em seus propósitos. Observamos que não há acomodação por parte do grupo, nem desistência frente aos desafios gerados pelas condições muitas vezes adversas para o exercício do ofício. É fato que a maioria após conhecer alguns dos percalços dos descaminhos da atividade na prisão, entendem que o mero planejamento de atividades curriculares não se apresenta suficiente para a prática docente naquele espaço. Utilizam, sempre, a criatividade como uma grande aliada para os momentos de desvios entre o estabelecido, a tarefa, e a atividade propriamente dita, onde o trabalhador é convocado a viver de maneira plena seu trabalho, com a utilização de todos os recursos de que dispõe, tentando elaborar estratégias para compensar os efeitos provocados pela inadequação entre as condições de escassez dos recursos materiais e as demandas dos sujeitos privados de liberdade.

Como eu posso seguir uma linha de trabalho numa turma que num dia tem o josezinho, o pedrinho e o joãozinho. No dia seguinte quando eu vou dar aula, ta o tuninho, o zequinha e o mariozinho. Como é que eu posso? Eu vou ter que repetir tudo que eu falei na aula anterior. Aí quando chega na outra semana, todos aqueles que estavam na semana anterior também não estão na sala, quem ta é um outro grupo. Conclusão? Vou ter que repetir tudo novamente, porque eu não posso dar seqüência, porque os alunos são diferentes. Sem contar que muitos ficam doentes, muitos ficam no castigo, outros vão para o seguro, outros estão fazendo o questionário pra saber se vai sair a liberdade condicional, outro porque é rebelião, outro porque eles fizeram greve não querem vir, outro porque é dia de visita. Gente, eu acho que tem que acabar com esse negócio da secretaria de educação querer fazer planejamento linear pra professor de presídio. não tem lógica, não entra na cabeça de ninguém. A não ser que eles comecem a trabalhar aqui dentro pra sentir se têm condições de seguir.

(Professora Iracema, História)

Percebemos uma insatisfação maior do professor das escolas prisionais em relação ao tipo de escola que é implantada no sistema penitenciário. Como já apontamos anteriormente, observa-se por parte das autoridades responsáveis a intenção de atender a Lei de Execução Penal no que concerne na existência e funcionamento de organizações

escolares nos presídios do estado, no entanto o modo de organização, desenvolvimento das atividades e capacitação de pessoal para esse serviço não têm tido a merecida atenção. Importa-se um modelo de escolas formais, extra-muros, a fim de atender as particularidades do local e da clientela. Fato esse que se impõe como mais um obstáculo a ser vencido pelos que visam à conquista dos objetivos da educação carcerária.

A maior parte das escolas prisionais, elas não conseguem compreender especificidades, não partem, por exemplo, nem mesmo da percepção de quem é, qual é a clientela com que eles estão efetivamente trabalhando. Em linhas gerais não um planejamento específico ou de certa forma uma compreensão específica da possibilidade desse planejamento para a atuação junto a esses jovens e adultos em privação de liberdade.

(Elionaldo Julião)

Não se constatou durante a pesquisa, nem houve relato no curso das entrevistas sobre algum caso de adoecimento ou absenteísmo por conta das condições de trabalho na instituição. Os casos de licença relatados pela direção referem-se à licença maternidade e doenças não relacionadas ao trabalho na prisão. Os aspectos referentes ao que Esteve (1999) convencionou chamar de mal-estar docente como violência no ambiente escolar, sentimento de desvalorização da profissão, dificuldades em atender as expectativas da sociedade no que diz respeito ao papel do professor na contemporaneidade, diversidade de tarefas extraclasse, excesso de carga horária, a fim de conseguir renda satisfatória, entre outros, não são associados pelos entrevistados ao trabalho na prisão. Embora, os professores da escola prisional apontem muitos desses fatores como pertinentes a sua vida profissional, eles demonstram ser ali, na escola prisional, o lugar de maior satisfação, onde realizam sua atividade.

Apesar das condições de trabalho e das inúmeras dificuldades enfrentadas na prática do magistério, todo esse contexto tem afetado de maneira diferenciada os docentes. Esteve (1999) conclui que, um grande número de profissionais consegue elaborar novas respostas, mais criativas e integradas, a fim de romper com este mal-estar e lhes proporcionar uma maior satisfação no desempenho da atividade, mesmo com as adversidades encontradas no meio de atuação.

Percebemos que esses profissionais, ao dar conta das demandas complexas, inusitadas e muitas vezes não previstas, que envolvem a educação carcerária e seu objetivo de ressocializar pessoas, acabam por reafirmar sua auto-estima, desenvolvendo diversas habilidades, sentindo-se responsáveis direto pelos possíveis benefícios trazidos

aos sujeitos privados de liberdade, sem, muitas vezes, entender que as condições de trabalho precisam ser coerentes com os objetivos a serem atingidos. Não é possível pensar o trabalho docente em uma instituição prisional com todas suas especificidades e necessidades sem oferecer ao trabalhador o mínimo de condições físicas e psicológicas para o exercício do ofício.

O questionamento que surgiu durante a pesquisa relacionou-se à gratificação recebida pelas pessoas que trabalham em presídios, por ser considerado ambiente insalubre e perigoso. Todos os demais profissionais que lá exercem uma função, como agentes, psicólogos, assistentes sociais, médicos, entre outros, recebem uma gratificação pelo trabalho nas unidades prisionais. Apenas os membros das equipes pedagógicas, ligados à secretaria de educação, não são contemplados com nenhum tipo de recurso extra em sua remuneração.

Os profissionais de ensino atuantes nas escolas prisionais têm constantemente se mobilizado na intenção de reivindicar para a categoria docente o recebimento do adicional de periculosidade por trabalho em ambiente prisional. Recentemente um grupo de profissionais das escolas prisionais organizou a Associação de Educadores nos Espaços de Privação de Liberdade do Estado do Rio de Janeiro – AEPLIERJ, que intenciona somar esforços para viabilizar melhores condições, inclusive financeiras, para o trabalho a ser desenvolvido nas escolas prisionais.

O trabalho e sua inúmeras faces apresenta distinções entre a forma como é planejado, prescrito e a forma como ele é vivido, executado pelos trabalhadores. As condições de trabalho são essenciais para minimizarmos os efeitos e a distância entre o prescrito e o real da atividade. Sabe-se que a prescrição não dá conta da infinitude de variáveis ao qual o trabalho e os trabalhadores estão expostos em seu dia-a-dia. É necessário fazer adaptações ao trabalho e ao meio a fim de viver o trabalho real. O trabalhador procura, ao desenvolver estratégias novas e renovadas de execução das tarefas, ganhar tempo, espaço, “economizar” a si mesmo, evitando a sobrecarga que o trabalho possa ocasionar.

A Ergonomia e a Ergologia têm nos ajudado a perceber a diferença entre esse prescrito e o real, principalmente no que se refere às exigências físicas e psicológicas necessárias a atividade. Segundo os estudos de Messing et al (1999) e Esteve (1999) sobre a sobrecarga de trabalho, os problemas de saúde mental, a Síndrome de Burnout, problemas considerados, atualmente, comuns na docência e que têm se manifestado nos docentes, indicam que os profissionais de ensino, mediante as enormes exigências a que

têm sido expostos, necessitam utilizar inúmeras estratégias para ensinar, como explicar conceitos, manter a disciplina e a atenção do grupo, cumprir atividades burocráticas, entre outros; sem contarmos com as atividades a serem desenvolvidas, muitas vezes, fora do ambiente escolar como preparação das aulas, das avaliações, atualização de seus conhecimentos. O trabalho real compreende muitas operações “invisíveis”, muitas atividades não planejadas.

Evidencia-se que o professor da escola prisional, embora invista muito de si e enfrente condições nem sempre satisfatórias à prática docente, tende a sentir-se melhor, mais satisfeito pelo fato de ter o reconhecimento do grupo de alunos, por não haver desgaste em relação à disciplina e ao número de alunos em sala, por ter uma maior liberdade na organização de seus planos e avaliações. Os problemas e as dificuldades de uma escola na cadeia acabam funcionando como fator capaz de amenizar o cumprimento de algumas atividades, evitando assim o desgaste físico e mental dos profissionais. Os professores acabam tendo a sensação de que tudo aquilo que realizam ou tentam realizar é muito, diante das condições que enfrentam para atuar na educação no cárcere e do suporte, não existente, por parte das autoridades responsáveis.

O próprio senso comum, quando se fala de professores trabalhando em uma instituição prisional, confirma-nos isso. Em nossas entrevistas todos se sentem embevecidos pela coragem em exercer tal ofício mediante o grupo de detentos e mediante as particularidades do ambiente prisional, transformando possíveis causas de doença em motivo de satisfação e sentindo uma carga de trabalho menor do que nas escolas extra-muros.

“Dizem que sou corajoso, mas eles não sabem que talvez aqui eu esteja muito mais tranqüilo do que numa escola de rua.”

(Professor José Carlos, Geografia)

Inicialmente a família, amigos e todos com quem comento, sobre meu trabalho aqui ficam perplexos, ficam apavorados, mas aí depois com o tempo vêm de uma maneira diferente. eu já estou levando a boa nova, que é um local até certo ponto tranqüilo, de muito respeito. os alunos nos respeitam bastante, e os professores respeitam os alunos, entendeu? os professores têm mais liberdade, e até algumas condições melhores do que nas escolas lá fora. Algumas cobranças aqui não acontecem.

(Professora Rosane, História)

5.3

Os saberes da docência

Os estudos e pesquisas sobre os saberes da docência nos indicam a existência de saberes plurais produzidos pelos professores no cotidiano de suas atividades. Atestam a insuficiência da formação inicial para dar conta dos desafios da ação pedagógica e apresentam os docentes como sujeitos de conhecimento e produtores de saberes que advêm de sua prática.

Eu acho que essa que essa clientela que a gente recebe tão diversificada, o próprio contexto em que a escola se insere contribui demais para nossa prática e pra essa reflexão sobre a prática que a gente tem que constantemente estar fazendo.

(Professora Simone, Língua Portuguesa)

Tardif (2002), a partir dos estudos referentes aos saberes docentes, diz nos que estes são caracterizados como plurais, compósitos e heterogêneos pela diversidade de conhecimentos necessários ao exercício da atividade docente.

Os saberes da docência, de acordo com as pesquisas de Tardif, são também personalizados, pois os professores utilizam em sua atividade saberes e conhecimentos provenientes de sua personalidade. Agem e pensam influenciados, marcados pelos contextos em que vivenciaram experiências diversas anteriores à socialização profissional.

São, os saberes, considerados temporais, pois além de serem utilizados, validados e produzidos durante o período de socialização na profissão; o profissional adquire-os ao longo do tempo, por diversas maneiras, tais como, a história de vida escolar pré-profissional, estratégias de ensino e a incorporação de papéis do professor.

Os saberes situados nos apontam para a construção destes na situação própria de trabalho. Situações singulares e que garantem sentido aos saberes.

Os saberes da experiência profissional, apreendidos e incorporados em situações de trabalho, são incorporados sob a forma de *habitus*, de rotinas e de habilidades de saber-fazer e saber-ser.

A prática cotidiana docente congrega diferentes saberes, objetivando a busca da concretização dos objetivos a serem atingidos, nas situações singulares e complexa de trabalho. O saber docente, definido segundo Tardif (2002, p. 36), “como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da

formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”, não é algo previamente dado, constituído, sendo construído, incorporado ao longo da experiência profissional, marcado por diferentes fontes e influências.

5.3.1

Saberes da experiência

Ao se referirem à formação inicial, durante as entrevistas, os docentes atestam que os saberes adquiridos nessa etapa não se constituem em suficientes para o desenvolvimento da atividade complexa e singular em uma sala de aula situada no espaço da prisão. Embora os saberes aprendidos nas instituições de formação sejam para eles indispensáveis e indissociáveis da tarefa de ensinar, são os saberes da experiência, vivenciados, experimentados e produzidos no dia-a-dia da atividade, que validam seu trabalho.

Sentem a necessidade de uma formação que considere a especificidade dos locais de atuação dos profissionais de ensino, considerando a prática pedagógica como local de produção de saberes. É preciso considerar que o saber docente é influenciado, marcado por diversos fatores, tais como, formação, socialização, especificidade dos locais de atuação, pessoa, entre outros.

Investigando os saberes com os quais os profissionais de ensino se relacionam durante sua prática, percebemos serem os saberes da experiência, sua mobilização e produção, o “núcleo vital do saber docente” (Tardif 2002, p.54). Por ser o espaço da prisão um local para os professores, a priori, desconhecido e reconhecerem ao iniciar suas atividades naquele contexto da existência de uma cultura prisional a qual devem se adaptar, os docentes reúnem todas suas “ferramentas” para assim ir a busca da concretização de seus objetivos educacionais. Percebem que precisam de todos seus saberes e do aumento de seu repertório de conhecimentos a fim de agir naquele espaço diferenciado.

A minha experiência na escola prisional tem contribuído muito para minha profissão, para minha prática aqui em sala de aula. Porque é a partir da convivência com eles que eu consigo traçar o que vou ensinar, de acordo com a necessidade do grupo, da turma. A gente trabalha em função daquilo que é importante pra eles, pra prática de vida deles.

(Professora Rosângela, Inglês)

Buscam, a cada ação pedagógica desenvolvida no cotidiano de uma escola prisional, produzir novos saberes a partir das experiências ali vividas. São profissionais que percebem na docência não mais um local de estaticidade e simples transmissão de conteúdos, previamente planejados; mas passam a perceber a importância de seu papel como sujeito de todo o processo educacional e do seu investimento enquanto pessoa durante as atividades.

Seus saberes experienciais se desenvolvem ao interagir com o ambiente de trabalho e com seu objeto de trabalho, o aluno, com suas particularidades de ordem pessoal, psicológica e social, para as quais a formação acadêmica e os outros espaços de socialização profissional não lhes deram subsídios suficientes para enfrentar e saber agir.

Nesse caso, dos professores de escolas prisionais, os saberes da experiência vão se construindo, sendo produzidos, na ação, durante a atividade e as interações por eles estabelecidas e sob a influência da cultura da prisão, marcada por gestos, vocábulos regras próprios do meio.

Ao produzir saberes da experiência, os profissionais ampliam cada vez mais seus saberes que servem de aporte para novas produções, ou seja, ao agir baseando-se em seus saberes, produz novos que servirão, na próxima ação, para produção de outros, em um ciclo de crescimento do repertório de saberes práticos, incorporados ao trabalho docente, fazendo-os sentirem-se capazes de incrementar o *habitus* profissional. Sendo assim, o profissional sente-se mais competente e seguro no desenvolvimento de suas atividades, mesmo que essas se dêem em um contexto de imprevisibilidade e inconstância como o de uma escola situada no cárcere.

E chegando aqui com toda minha formação de professora de História, quer dizer, aí eu percebi que é na prática, mas na prática dentro da sala, que eu ia conseguir as ferramentas pra trabalhar aqui. É necessário que a gente até domine os conhecimentos, ou pelo menos boa parte dele, mas essa experiência em sala e as experiências anteriores em projetos sociais, com trabalhos em oficinas, com comunidades, que tinham questões sérias com violência em áreas de risco social, isso me tem ajudado muito a trabalhar aqui no sistema prisional.

(Professora Rosane, História)

Em sua experiência de trabalho cotidiano, o professor congrega e agrega diversos saberes oriundos de sua formação, de seus momentos de socialização profissional, de sua vivência pessoal, que serão retraduzidos, transformados e adaptados ao trabalho docente pela prática e produzirão novos saberes a partir de sua experiência profissional. O trabalho é o mediador das relações de saber estabelecidas pelos professores em suas atividades diárias no espaço escolar. É sua atividade a responsável pela produção de novos saberes a partir do conjunto de crenças, valores e conhecimentos que esse traz de suas experiências profissionais e pessoais, tornando-os capazes de enfrentar as situações complexas e singulares do cotidiano escolar. Percebemos, então, a força dos saberes produzidos e mobilizados na atividade pedagógica cotidiana para os professores de uma escola prisional. Quanto mais interage, convive no espaço da escola prisional com os sujeitos da ação pedagógica, produz saberes através de suas experiências, mais esse professor sente-se competente e capaz de atingir os objetivos da educação no cárcere.

Só o saber da disciplina não é suficiente para o trabalho do professor, porque hoje mesmo abriu-se, a professora teve o prazer de presenciar, um debate. Eu estava falando sobre as teorias de Leonardo da Vinci, estava falando sobre o cientista Galileu Galilei, sobre Isac Newton, explicando que eles não podiam externar tudo que eles descobriam por causa da perseguição religiosa. Isso acabou gerando um debate muito forte, por causa da corrente teológica da coisa, daqueles que acham que a Igreja está certa em defender seus dogmas e daqueles que acham que a Igreja está errada em interferir na ciência. Então, não basta apenas você ter o conhecimento científico da coisa, você tem que ter jogo de cintura, tem que ter o conhecimento do dia a dia do grupo, até para poder conduzir a discussão de uma forma sadia, porque se não você perde o controle da situação. Eu acho que o trabalho do professor reúne vários saberes, mas a experiência dele conta muito.

(Professora Iracema, História)

O contexto em que a relação ensino aprendizagem se desenvolve é permeado de múltiplas interações que são condicionantes ao trabalho do professor. São fatos pontuais, concretos e complexos, os quais ele precisa enfrentar e improvisar, utilizando todo um repertório de conhecimentos, saberes, atitudes internalizados durante seus anos de exercício na profissão. Adquirir essas disposições em lidar com situações singulares é formador e responsável pelo desenvolvimento do *habitus* docente, oferecendo-lhe sempre condições de agir nas situações imprevistas, que são marcas inerentes à profissão. Logo, “os *habitus* podem transformar-se num estilo de ensino, em ‘macetes’ da profissão e até mesmo em traços da ‘personalidade profissional’: eles se manifestam,

então, através de um saber-ser pessoais e profissionais validados pelo trabalho cotidiano”. (Tardif, 2002, p.49)

Entendemos que a prática torna-se um momento de aprendizagem, de refletir sobre a formação e retraduzir os saberes adquiridos, intencionando conservar apenas o que parece útil às necessidades do professor durante as situações cotidianas de atuação. Assim, a prática permite ao profissional rever seus saberes, julgá-los e avaliá-los, objetivando um saber formado de todos os outros saberes retraduzidos e submetido à validação da prática cotidiana. (Tardif, 2002)

Aqui entra também muito teu jeito de ser, teu temperamento, a sua dedicação, enfim, sua capacidade de demonstrar carinho, afeto, de querer ensinar, querer aprender também. E às vezes o conhecimento acadêmico não significa nada. O aprendizado é também na prática, no dia-a-dia. Você pode ter 10, 15 anos de profissão, como eu tenho 18 anos de sistema e eu não posso dizer que saiba tudo, porque a cada dia eu vou aprendendo.

(Diretora Tânia)

5.4

as interações professor aluno no cotidiano escolar

Hoje eu perdi a liberdade, por sorte não perdi a vida.
Mas de todo esse desespero tirei proveito. Hoje eu estou me reformulando, Hoje eu aprendo com os meus erros do passado, aprendo com os erros dos outros. Voltei a estudar, a ler, voltei a lembrar um tempo que passou, mas que agora passa, com mais clareza, maturidade e com outros ideais, outros objetivos. O futuro é sempre uma surpresa mas tenho fé e bom ânimo que tudo vai ser melhor. Tenho muito que aprender estou disposto a isso.

(Trecho de uma redação de um aluno do Ensino Médio de uma escola prisional, sob o título “Ainda é tempo”)

O espaço da sala de aula, como afirma Sirota (1994), é uma “caixa preta”, pronta a ser desvendada. Pensamos ser o ensinar um trabalho com seres humanos, sobre seres humanos e para seres humanos (Tardif, 2005). A interação entre os atores sociais

configura-se em um lugar de trocas, onde o comportamento de cada ator social cria uma nova dinâmica e redefine o contexto. Há regras implícitas e explícitas, negociações constantes a serem comunicadas, vividas, no espaço da sala de aula.

A relação professor aluno é um dos maiores fatores de motivação do profissional de ensino. É o momento em que o professor sente-se acolhido, valorizado, consegue pôr em prática seus planos e atividades. Não podemos nos esquecer de que o trabalho docente é centrado no aluno e as atividades a serem pensadas e desenvolvidas são a eles direcionadas.

O ambiente escolar é permeado por regras estabelecidas, rotinas e padronizações, mas que exigem também uma adaptação contínua dos atores envolvidos. Embora a rotinização exista, como a estruturação dos espaços e do tempo, ela não dá conta, a partir das interações vividas pelos atores, de toda a realidade. É preciso “improvisar e se adaptar a situações variáveis e contingentes” (Tardif, 2005). As rotinas são importantes, não para o desenvolvimento mecânico da ação educativa, mas como forma de orientar o grupo em relação a procedimentos padronizados de ação que facilitam a adesão do coletivo ao trabalho do professor e a gestão da classe. O estudo das interações professor/ aluno mostra que a ordem na classe, ao mesmo tempo, é dada por rotinas intitucionalizadas e controles, como também é construída pelas ações que se iniciam durante o trabalho. (Tardif, 2005)

Entendemos as situações vividas no espaço escolar cotidianamente como situações sociais, marcadas por processos interativos entre as pessoas envolvidas. Evidenciamos, na pesquisa, as interações entre professor e aluno e nos baseamos, a princípio, na abordagem ecológica proposta por Doyle (1986). Embora os eventos ocorridos em classe possuam características originais e particulares, as mesmas apresentam certa recursividade e estabilidade, repetindo-se de uma classe a outra. Doyle (1986) propõe, então, algumas categorias para análise dos eventos que são produzidos em sala. São seis as categorias propostas por ele. A multiplicidade nos mostra que, durante uma aula, ocorrem inúmeros fatos e eventos, ao mesmo tempo. A imediatez se refere ao fato de que a maioria dos eventos acontece de maneira imprevisível, necessitando de adaptações e estratégias imediatas, “espontâneas”. O espaço da sala de aula e tudo o que acontece e se desencadeia nela é apresentado inteiramente ao professor no ato, no próprio momento em que a ação evolui, se realiza. (Tardif, 2005).

A rapidez marca a sucessão de acontecimentos em uma mesma aula, seu encadeamento e fluência. A rapidez dos eventos exige do professor uma atenção constante sobre a tarefa, sobre as interações e gestão de classe.

A imprevisibilidade nos aponta a possibilidade de os acontecimentos surgirem de forma imprevista, inesperada, fora do planejado, a partir do desenvolvimento das ações planejadas.

A visibilidade nos remete ao fato da aula ser uma atividade pública desenvolvida na presença de pessoas. A classe é, pois, uma célula de trabalho fechada ao exterior, mas aberta para o interior. (Tardif, 2005). A visibilidade significa que o trabalho do professor e todas as suas ações não podem ser ocultadas dos alunos. Tudo que o professor faz ou diz é passível de interpretação por parte deles, os alunos. Sendo assim, a partir das falas e atos do professor, as interações entre estes e os alunos tomam um aspecto coletivo, social.

A historicidade nos apresenta as interações entre os membros da classe com ações temporais, que acontecem dentro de uma trama temporal. Ela nos diz respeito à instauração das normas de disciplina a serem seguidas e da gestão da classe, como também está presente na relação com os conteúdos a serem ensinados.

Tardif (2005) ao refletir sobre os fundamentos de tais categorias, pois as entende como situadas em um plano descritivo do modo como as coisas acontecem em sala de aula, apresenta-nos duas novas categorias que nos fazem ir além da descrição e penetrar no âmbito da compreensão, a fim de tornar possível a utilização das categorias citadas por Doyle. Aponta que as categorias de interatividade e significação têm como consequência as categorias propostas por Doyle, pois, segundo Tardif (2005, p. 234), “é exatamente por almejar interações significativas com um grupo de alunos que o professor se confronta com os demais acontecimentos categorizados por Doyle.”

Entendemos que o professor está sempre no centro das ações em andamento, sendo a aula construída coletivamente nas interações entre professor e aluno e que a interatividade do trabalho docente não se limita a ações físicas, a comportamentos observáveis. A interatividade pressupõe complexidade, pois apresenta rotinas, intervenções, interpretações, afetividade, capacidade de agir sobre o outro; sendo necessária a utilização de vários recursos que permitam ao docente viver as situações cotidianas com seus alunos. As ações docentes e as interações precisam ter sentido, serem partilhadas entre os atores sociais no momento de seu desenvolvimento.

Durante as interações entre professor e aluno, aquele tem a possibilidade de obter maiores informações sobre seus alunos, tentando diminuir a distância formal estabelecida entre ele e os alunos. O ensino possui um núcleo interativo imprescindível, o qual acaba por contribuir para a qualidade do relacionamento pedagógico e humano. Perrenoud (2001), ao nos apresentar os 11 dilemas da comunicação em sala de aula, deixa claro a importância do professor aprender a reger sobre questões da vida cotidiana, tais como, racismo, violência, dinheiro, consumo, lazer, trabalho; tudo isso significa revelar modos de vida, valores, às vezes desvios ou falhas.

No contexto de uma escola na prisão esse contato e essas informações sobre a vida do educando precisam ser conseguidos de maneira sutil, pois, aquilo que aqui fora parece ser uma conversa normal, lá pode tornar-se fator de desconfiança e inibição por parte do aluno. Observamos que muitos sujeitos privados de liberdade não têm nenhum problema em relatar os motivos pelos quais estão no cárcere. Falam sobre sua vida no crime, suas atividades antes desse período, seus sonhos e desejos após saírem da prisão. Entretanto, alguns não se colocam a disposição para debater ou conversar sobre seu delito, nem sobre sua vida, seus anseios e perspectivas. Muitas vezes, por estarem naquele ambiente, pensam que só o fato que os levou até ali é importante. O professor precisa estar pronto para fazer com que esse sujeito se reconheça como alguém que possui outras potencialidades, que há possibilidades diversas em sua trajetória antes e após o período do cárcere. Por isso o professor precisa ser cauteloso na abordagem de certos assuntos como violência e uso de drogas. Entendemos que ter maior informação sobre os alunos, conhecê-los melhor parece ser fator fundamental para a elaboração das atividades e o alcance dos objetivos educacionais, sendo também importante a fim de estabelecer um vínculo, uma proximidade maior entre os sujeitos da ação pedagógica. Mesmo percebendo-se de suma importância para o processo pedagógico o conhecimento do aluno, a questão do delito cometido é um assunto muito delicado entre as pessoas que trabalham em escolas prisionais.

Alguns comentam. Falam porque estão aqui, falam o artigo, falam quanto tempo ainda falta, há quanto tempo está preso. Com certeza uns comentam. (...) Eles vêm fazer a matrícula e a única coisa que eu pergunto é: já estudou na rua, se veio de outra unidade, quando anos tem, enfim... Há um formulário que eu adaptei a realidade daqui, como se fosse uma ficha de matrícula mesmo, mas jamais perguntei, pelo menos eu, não sei nas outras unidades, perguntar: por que está preso, o que fez, o que deixou de fazer,...se ele chegar e com o tempo falar, como acontece com vários, que vêm e contam, se abrem, porque sentem uma certa firmeza, uma segurança na pessoa, então desabafam. (...) Tem um aluno, um

faxina, que trabalha comigo aqui, que ele na rua, a missão dele era cortar corpos com a machadinha. Imagina você se eu chegar para os professores, olha aquele ali, trabalha aqui, está vendo, pequenininho, ninguém dá nada por ele, tal, mas ele é que ficava na rua cortando os corpos das pessoas, tanto é que o apelido dele é machadinha, corta em pedacinhos. Será que as pessoas estão psicologicamente preparadas pra saber que o fulano matou, que o outro corta em machadinhas, que o outro esquartejou, que o outro matou criança, eu acredito que não. Então às vezes o não saber é até melhor.

(Tânia, Diretora)

De acordo com Tardif (2005), “os alunos também são seres sociais, cujos atributos induzem atitudes e orientações de valores entre os professores”, ou seja, algumas particularidades do objeto de trabalho do professor podem provocar determinadas atitudes, reações, intervenções, tratos característicos próprios. As representações sociais construídas pelos professores a respeito de seus alunos estão na fonte de algumas atitudes, de alguns juízos de valores que orientam sua prática. Sendo assim, percebemos que os diferentes atributos dos alunos levam a práticas pedagógicas diferentes.

Na escola prisional o momento de interação professor aluno dá-se basicamente na sala de aula, pois não há intervalo para recreio e são poucos os momentos fora da sala de aula em que o professor tem contato com esse aluno. O lanche é servido rapidamente e todos voltam a suas atividades. Quanto menos circulação dos professores no ambiente da escola prisional, melhor e mais seguro para todos. Os alunos também pouco circulam pela escola, limitam sua presença as salas de aula e, às vezes, a sala de leitura. Não há pátio, cantina, refeitório ou outro espaço que se possa ficar mais à vontade. Paira no ar um certo desconforto quando pessoas, sejam professores ou alunos, estão pelos corredores, sem uma atividade direcionada. É preciso sempre estar fazendo algo para que se sinta um clima de segurança.

As interações, as relações estabelecidas entre os seres humanos e as mediações necessárias ao trabalho docente são, em grande parte, responsáveis pela distância entre o trabalho prescrito e a atividade real. O trabalho prescrito entendido como as obrigações, as normas, a busca dos objetivos que precisamos atingir; e a atividade como o momento da vivência do trabalho. Os trabalhadores precisam, durante as situações reais de trabalho, dar sentido e interpretar seu trabalho.

Na maioria das observações realizadas durante o trabalho de campo, são percebidas as rotinas através das quais o professor organiza o tempo e o espaço para a

aula. Evidenciam-se interações entre alunos e professores que constituem o espaço no qual ele penetra para trabalhar. (Tardif, 2005). Em uma das aulas observadas o professor, ao chegar, cumprimenta o grupo, pergunta como estão passando e, então, inicia as atividades escolares propriamente ditas. Procura sempre manter viva a comunicação antes do início das atividades curriculares.

O ensino, como todo trabalho humano, é constituído de diferentes componentes que impactam as práticas pedagógicas, tais como: objetivo do trabalho, objeto do trabalho, técnicas e saberes dos trabalhadores, entre outros. É necessário, na atividade de ensino, considerar o nível de desenvolvimento cognitivo do aluno, sua participação, obrigatória ou não, na escola e os objetivos a serem alcançados. Esses elementos obrigam freqüentemente os professores a realizarem atividades antes do processo de instrução, visando à implantação de condições mínimas de trabalho, ou seja, obter o engajamento dos alunos e ajustar os procedimentos pedagógicos às capacidades simbólicas e cognitivas dos mesmos. (Therrien, 2001)

Em uma das aulas observadas, a professora entregou os trabalhos que alguns fizeram na aula anterior e explicou, aqueles que faltaram, sobre o tema do trabalho. Antes de iniciar as atividades planejadas para o dia, revê os apontamentos da aula anterior a fim de situar os que estavam ausentes. Sempre procura interagir com o grupo, perguntado se estão entendendo, se há alguma dúvida. Durante todo o trabalho de campo ficou evidente que há um grupo de alunos disposto a aprender, a construir conhecimentos, que participam das atividades, vêm regularmente à escola e desenvolvem boas relações com os professores e os outros alunos.

Às vezes a gente pensa que eles não sabem, porque têm muitos que ainda têm dificuldades. A gente percebe. Mas eles se expressam, perguntam e uma coisa esta me deixando é a questão de que quando você, por exemplo, está dando uma aula de Revolução Industrial e o aluno chega e consegue fazer uma conexão entre o que você está falando e a realidade dele, na comunidade dele ou então a realidade do país. demonstram conhecimento até sobre questões que estão acontecendo em nível internacional, isso tudo acontece, isso vem, eles colocam, então por isso que eu acredito nesse trabalho. A relação e a troca são boas, os momentos são curtos, mas proveitosos.

(Professora Rosane, História)

Em compensação observou-se que há alguns indivíduos que se sentem deslocados naquele espaço, pouco falam, às vezes, nem mesmo olham, em direção ao

professor e parecem alheios às atividades. Ao questionarmos o professor sobre a postura desses alunos, os professores e outros alunos nos informaram que, às vezes, existem alguns presos que pegam a carteirinha escolar com outro colega e vão até a escola “para ver como é”. Não estão matriculados, mas querem ver o que lá acontece, por isso há, de vez em quando, a sensação de não pertencimento de algum “aluno” ao grupo. O tempo todo, durante as observações, percebemos todos os professores sempre preocupados com a integração de todos nos assuntos que surgem durante as aulas, mesmo esses que não são reconhecidos como pertencentes ao espaço, são convidados à integração. Os professores buscam sempre fazê-los participar e a maioria acaba sendo correspondido, talvez, pelo número reduzido de alunos em sala, esse trabalho de integração do individual à coletividade acabe sendo satisfatório.

A realidade da sala de aula aqui é outra; bastante diferente do que vivemos durante os anos de magistério. Só quem realmente está dentro de uma sala de aula é que sabe como agir, de que forma agir, de que maneira agir, o momento de agir. A gente tenta o tempo todo fazer esse aluno participar, “puxar” por ele.

(Professora Soraya, Língua Portuguesa)

Todas as atividades são sempre aplicadas pelo professor e desenvolvidas em conjunto, a justificativa é por conta do tempo ser curto e das dificuldades que alguns apresentam na realização das tarefas propostas. Os alunos participaram das leituras dos textos, quando solicitados, apresentam-se para participar das correções no quadro ou oralmente, alguns propõem temas para as aulas seguintes, ou por interesses particulares ou por, segundo eles, terem tido dúvidas sobre alguns pontos já apresentados.

Segundo Peterossi (1994), o conhecimento transformado em conteúdo a ser ensinado sofre a mediação criativa do professor, pois o ato de ensinar se fundamenta na comunicação e na projeção de uma experiência essencialmente individual. Nessa concepção de mediação, notamos a presença da singularidade do professor, o que ele é como pessoa, pois a mobilização de saberes e conhecimentos a serem transmitidos são elaborados a partir de suas percepções das exigências que as situações de ensino apresentam, levando-os a escolher entre diferentes modos de agir. Conforme Peterossi (1994), durante a atividade, o professor deve entender que “o conceito que tenha de sua profissão, de sua função, da matéria que ensina, a idéia que possui da escola, do aluno, o levam a conduzir-se desta ou daquela maneira”. (p.122)

Em relação ao material didático utilizado, a maioria não utiliza livro didático. O Estado possui um projeto de concessão do livro didático ao aluno. Ele durante o tempo de estudo na escola recebe o livro e só devolve o mesmo ao final do ano letivo. Nem todas as disciplinas, no entanto, já foram contempladas com esse material e no caso do aluno detento, ele não leva esse material para sua cela. Eles recebem também da escola caderno, lápis, borracha e caneta, porém é freqüente o aluno sem esse tipo de material, por inúmeros motivos, como perda do material nas próprias celas; em dia de “geral”, muitas vezes, o guarda recolhe o material do aluno; utilização indevida do material pelo próprio aluno, entre outros. A maioria dos professores, quando permitido, traz de fora, principalmente, textos e vídeos; outros se limitam a trabalhar com os poucos recursos que a escola oferece.

Material didático, como qualquer outra escola, essa aqui tem muita dificuldade. Esse ano foi adotado livro pelo Estado, então ajudou muito. Mas não tem nada muito diferente, nenhum material didático assim, específico para essa clientela. São poucos os recursos.

(Professor César, Biologia)

Bem, quando nos é permitido entrar com algum material, a gente pelo menos na minha disciplina eu posso lançar mão de vários recursos: jornais, revistas, músicas, filmes...agora, quando não é permitida, a gente tem que lançar mão do material tradicional, cuspe e giz.

(Professora Simone, Língua Portuguesa)

Muito tem se discutido em fóruns de Educação de Jovens e Adultos e encontros a respeito da educação para sujeitos privados de liberdade sobre a importância de uma maior atenção à organização de material didático que venha atender as particularidades desses grupos, entretanto ainda há muito a se pensar e fazer sobre esse ponto.

As avaliações são desenvolvidas ao longo das aulas. Não há semana de provas ou datas específicas para realização de avaliações. A cada encontro o professor desenvolve alguma atividade e realiza, a partir dela, uma avaliação. Isso, porque, como já relatado anteriormente, há uma certa rotatividade dos alunos. Desta maneira, o professor procura sempre avaliar o aluno ao longo das atividades desenvolvidas em sala.

Avaliação tem que ser constante, porque se o professor for esperar a turma toda ficar junta na sala ele não vai dar avaliação nunca. Ele tem que aproveitar aquele grupinho que tá ali e procurar avaliar, porque ele sabe que aquele grupinho no dia seguinte não vai ser o mesmo. Então a avaliação tem e deve ser constante.

(Professora Iracema, História)

Além das atividades a serem realizadas com os alunos, o professor também é responsável pela assinatura das folhas de remição. Cada aluno tem sua folha, a cada mês, e precisa preenchê-la. Essas folhas, depois de assinadas, são enviadas à secretaria para serem anexadas aos documentos dos alunos, pois, como já mencionado anteriormente, a cada três dias de estudo, os alunos reduzem um na pena a ser cumprida, sem contar que a participação deles na escola demonstra a intenção dos detentos em investir em seu processo de ressocialização.

As ações dos professores e suas interações com os alunos em sala de aula não diferem muito das que observamos nas escolas extra-muros. A única exceção, se podemos assim chamar, apresenta-se em relação a intervenções visando ao melhor comportamento do grupo ou a fim de chamá-los à ordem. Na escola prisional, ao mínimo indicativo do professor de que iniciará alguma atividade, os alunos fazem o silêncio necessário, só manifestando-se quando o professor os interpela ou quando querem participar mais ativamente da aula.

Eu adoro trabalhar com essa galera aqui. Existe um clima de respeito, de humanidade, pode parecer absurdo o que eu estou dizendo, mas aqui pra gente, na sala de aula, existe esse clima de humanidade. Enquanto lá fora, nas escolas de rua, a gente não consegue estabelecer uma relação confortável com a clientela.

(Professor Valdevino, Matemática)

Os professores entendem o sentido de sua atuação, de seu trabalho, a partir do retorno positivo conseguido com as interações estabelecidas entre eles e os alunos. Compreendem a importância e o valor de sua atividade para aquele grupo, pois através da educação, não apenas restrita à escolarização, reconhecem a possibilidade de esses indivíduos vislumbrarem uma vida melhor, não só no que se refere às chances de ingressar no mercado de trabalho através da certificação alcançada, mas da participação de uma maneira mais significativa no espaço em que vier a integrar.

As boas interações daquele espaço fazem com que os professores encontrem um sentido e um significado para sua vivência como docente em meio a tantas adversidades

pertinentes ao exercício do ofício, atualmente. São responsáveis por falarem mais em satisfação e prazer do que em sofrimento e mal-estar no exercício da profissão. Longe de considerarmos o trabalho docente, realizado em meio a um quadro reconhecidamente de dificuldades estruturais e materiais, plenamente satisfatório, não podemos deixar de enfatizar a positividade dos discursos dos professores sobre as relações estabelecidas entre as pessoas na escola da prisão.

O aluno, quando precisa conversar algo diferente do assunto da aula, pede licença e sai. Mas, mesmo essa atitude raramente aconteceu durante a pesquisa, até porque conforme já dissemos, não é permitida a circulação de alunos ou professores, nos horários de aula, em outros espaços da escola.

A partir das observações e entrevistas inferimos que o trabalho docente em uma escola prisional, marcado por interações entre os grupos humanos envolvidos no processo ensino aprendizagem, é carregado de solidariedade e afetividade. O professor entende ser uma de suas funções fazer com que aquele grupo de pessoas cresça no âmbito das relações humanas. O professor mobiliza durante as situações de trabalho uma gama de recursos, saberes e habilidades que se inserem nas várias modalidades de interação humana, como afetiva, instrumental e normativa.

Entendemos o trabalho docente como um conjunto de interações personalizadas com os alunos. Desta maneira torna-se possível, aos alunos, a participação em seu processo de formação e, ao professor, atender às diferentes necessidades deles, pois, embora, o trabalho docente se realize sobre uma coletividade, o professor também age sobre o indivíduo.